

Quero deixar claro um ponto: quando, neste livro, uso a expressão "Ocidente" ou "civilização ocidental", incluo nela a Rússia — historicamente e hoje. Não uso a palavra "ocidental" ou "o Ocidente" em contraste com "bloco comunista" ou "comunismo".⁵ O território da União Soviética estende-se, é claro, pela Ásia, mas sua evolução histórica essencial se fez na área européia do país. Culturalmente, a Rússia se tem mantido em íntimo contato com as sociedades européias, embora historicamente se tenha retardado em relação a elas.

O próprio marxismo, além disso, é parte da cultura européia, tanto quanto a arquitetura da Renascença italiana. Marx e Engels eram europeus e os líderes da Revolução Russa não eram exatamente camponeses orientais; muitos deles eram intelectuais de alto gabarito que passaram parte de suas vidas em capitais da Europa ocidental.

Finalmente, os russos e a maioria de outras nacionalidades importantes na União Soviética — como os ucranianos — consideram-se europeus. Além disso, os asiáticos — os indonésios, por exemplo — consideram a Rússia como parte "dos países ocidentais". A Rússia, conclui o geógrafo J. P. Cole, "pode ser incluída nos construtores de impérios marítimos da Europa ocidental, como transmissora da conquista e cultura européia ao mundo não-europeu".⁶

No que se relaciona com ideais, o liberalismo clássico e o marxismo clássico esgotaram praticamente a herança política

⁵ A intenção política dessas classificações é identificar a atual coalizão anti-soviética de nações com a "civilização ocidental". Quanto ao "Mundo Livre", eis uma declaração feita em março de 1955: dos 71 países fora do bloco comunista, 49 eram "ditaduras ou oligarquias fechadas, ostensivas ou disfarçadas... das 22 nações restantes, a maioria tem certo direito à classificação de "livre". no que se relaciona com seus Governos políticos, mas certamente no que se relaciona com o controle econômico de várias delas são oligárquicas e uma pequena percentagem das nações vive às custas dos outros 90%". Thomas B. Curtis, membro da Câmara dos Representantes, *Congressional Record*, 1955, pág. 1481. Material preparado pelo "Legislative Reference Service", Biblioteca do Congresso, E.U.A.

⁶ J. P. Cole, *Geography of World Affairs* (Londres, 1959). Ver o Apêndice I para uma discussão coerente desse ponto. Cf. também *The Causes of World War Three* (1960). [N. dos E.: Publicado por esta editora, sob o título *As Causas da Próxima Guerra Mundial*.]

da civilização ocidental. Os liberais afirmaram repetidamente um humanismo secular, ressaltando o enorme valor da personalidade individual e o direito que cada indivíduo tem de ser tratado de acordo com leis racionais e compreensíveis, a que todo poder deve estar sujeito. Viram o homem como a medida de todas as coisas: políticas e acontecimentos são bons ou maus, em termos de seus efeitos sobre os homens; as instituições e sociedades devem ser julgadas em termos do que significam para o ser humano individual. Os liberais supuseram que os homens devem controlar o seu próprio destino. Supuseram que há formas racionais para adquirir conhecimento, e que a razão substantiva do indivíduo, usada livremente, proporciona a solução. É em termos desses valores que sua preocupação com a aceitação da autoridade e sua oposição geral à violência devem ser entendidas.

O princípio básico do liberalismo não é apenas a "liberdade em geral", mas a liberdade específica, pessoal, do indivíduo, e até a obrigação auto-imposta de não assumir compromissos incondicionais com qualquer organização. Toda a fidelidade a movimentos ou organizações, partidos ou Estados é, para os liberais, condicionada aos seus princípios e à sua própria consciência.⁷

As obras de Marx, e de muitos outros marxistas, encerram de forma clara e coerente o humanismo secular do Ocidente, sistematicamente, como suposições morais profundas e penetrantes. Como ocorre com o liberalismo, uma das dificuldades em se mostrar que isto acontece está nos usos e abusos do marxismo, praticados habitualmente. Outra dificuldade, peculiar ao marxismo, relaciona-se com certos maneirismos e convicções do próprio Marx. Vivendo na era vitoriana, odiando a falsidade e desprezando a hipocrisia, Marx criou uma imagem de si como um intelectual "obstinado e realista". Não gostava de proclamar grandes ideais; relacionava seus ideais muito intimamente com a análise da sociedade que, na sua opinião, os estava

⁷ Ver L. T. Hobhouse, *Liberalism* (Londres, 1911) — a melhor exposição dos ideais liberais do século XX que conheço. É necessário dizer, quanto a isso, que o elogio dogmático do nacionalismo americano feito por tantos intelectuais "liberais" do período da guerra fria foi uma violação clara dos ideais liberais clássicos. As exigências rituais de juras de fidelidade aos Estados Unidos da América são ao mesmo tempo indícios do declínio dos símbolos democráticos de justificação e da força do liberalismo como um credo.